

O segundo volume da revista *Dramaturgia em Foco* traz a peça *Dois Irmãos*, texto de um dos autores mais curiosos do teatro brasileiro: Qorpo-Santo. Figura incomum no seu tempo e no atual, o dramaturgo transita entre apreciações que ora o encaram como gênio de percepções vanguardistas, ora como um louco que escreveu textos sem significativo valor literário. As comédias de Qorpo-Santo, cognome de José Joaquim de Campos Leão, com suas situações absurdas, estrutura fragmentária e personagens compostas como estranhas caricaturas, revelam um autor que aparentemente desafia as convenções dramáticas do século XIX e, conseqüentemente, os mecanismos de análise mais regularmente disponíveis à crítica do teatro do período. Daí, ter-se difundido nos estudos responsáveis pela redescoberta e divulgação de Qorpo-Santo no século XX a orientação crítica de aproximar suas peças da produção dramática de vanguarda, encontrando nesse esquecido escritor, que criou suas peças na década de 1860, na então provinciana Porto Alegre, um fenômeno singular de modernidade extemporânea.

José Joaquim de Campos Leão (Triunfo-RS, 19 de abril de 1829 – Porto-Alegre-RS, 01 de maio de 1883) era filho de portugueses oriundos da região dos Açores que fixaram residência na cidade de Triunfo no Rio Grande do Sul. Miguel José de Campos, seu pai, foi um dos primeiros professores do estado do Rio Grande do Sul. Durante a Revolução Farroupilha, nas proximidades de Triunfo, morreu vítima de uma emboscada. Atuou como professor, vereador e delegado de polícia em diversas cidades da província de Porto Alegre. No ano de 1862 foi dispensado do magistério por sofrer de “alucinações mentais” (termo usado pelo governo imperial no texto em que José Joaquim era dispensado de suas funções como professor). O então professor incorpora Qorpo-Santo ao nome, abandona a família e passa a se apresentar à sociedade porto-alegrense de maneira excêntrica, com

¹ Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Atua como vice-coordenadora do grupo de pesquisa do CNPq "Estudos do Teatro Ex-cêntrico - ETEx" (ECA/USP). Desenvolve pesquisas sobre teatro brasileiro, com ênfase na dramaturgia de Qorpo-Santo e nos gêneros teatrais populares dos Oitocentos no Brasil. Atualmente realiza estágio de pós-doutorado (PNPD/CAPES) na UNESP/Assis. E-mail: maria.claire.gon@gmail.com.

vestimentas e atitudes peculiares – Qorpo-Santo passou a acreditar que seu corpo tivesse se tornado santo e que além de realizar milagres, também poderia “receber” a alma de outras pessoas vivas, em um processo chamado “transmigração de almas”. A partir desse fato, inicia-se uma nova e controversa etapa de sua vida. Inácia Maria, sua esposa, o acusou, juntamente com algumas autoridades da cidade de Porto Alegre, de ser incapaz de gerir o dinheiro do casal que, segundo os documentos de seu inventário, possuía alguns bens de valor que lhe garantiam certa fortuna. Separado da família e enfrentando brigas para administrar seu dinheiro, escreveu textos dos mais variados gêneros. Por meio destes, criava e apresentava ao mundo (?) sua nova persona: o santo-gênio incompreendido.

No ano de 1877, reuniu todos os seus escritos em sua coleção intitulada *Ensiq̃lopédia* ou *Seis mezes de huma enfermidade* que, ao invés de reunir um conhecimento organizado como o nome sugere, se aproxima de diário-literário com relatos cotidianos, máximas, cartas, artigos escritos para periódicos da época, laudos médicos, lembranças, poesia, peças de teatro, trechos bíblicos, reflexões sobre a língua portuguesa, etc. Extensa, fragmentária e híbrida, essa obra se divide em nove volumes, dos quais cinco foram preservados. A coleção é dividida da seguinte maneira: volume I – composto de duas partes, “Poesia” e “Prosa e Poezia”; volume II – “Pensamentos e poemas”; volume III – não encontrado; volume IV – “Romances e comédias”; volume V – não encontrado; volume VI – não encontrado; volume VII – constam os dois periódicos do escritor, “A Justiça” e “A Saúde”; volume VIII – “Micelania Quirioza”; volume IX – dividido em quatro partes: “Interpretações: pontos qe parecem qcontraditorios no novo testamento de nosso senhor Jezusqristo”; “Alguns pençamentos esqritos por mim nestes últimos tempos”; “Restos qe qreio, julgo ou pênso não terem sido impreços em algum dos meus oito livros”; e “Introdução (reprodução de livro anterior)”.

Ressalta-se a particularidade da escrita como uma marca singular dessa coleção. Tendo como referência o “Método Castilho”, desenvolvido pelo escritor português Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875), Qorpo-Santo concebe uma reforma ortográfica muito particular, na qual as palavras seriam grafadas de acordo com a pronúncia. Para isso, fez algumas reformulações na escrita, a fim de facilitar o processo de aprendizagem. Na *Ensiq̃lopédia*, há a transcrição de uma carta do escritor gaúcho a Castilho, na qual elogia o método desenvolvido pelo português e ainda lhe sugere outras

ideias que contribuiriam para seu aprimoramento (QORPO-SANTO, volume I, 1877, p. 107). Tendo como base as ideias sobre a língua portuguesa elaboradas por Castilho, Qorpo-Santo elaborou um sistema próprio de conceber o ensino e uso do português, evidenciando as mudanças e os manuseios da sua nova maneira de escrever.

A produção dramática qorpo-santense está agrupada integralmente no volume IV de sua *Ensiqlopédia* e a disposição das peças é aleatória, sem obedecer à data de sua redação. O escritor indica apenas, ao final de cada uma das comédias, o dia em que as produziu. As peças são: *O hóspede atrevido ou O brilhante escondido*; *A impossibilidade da santificação ou a santificação transformada*; *O marinheiro escritor*; *Dois irmãos*; *Duas páginas em branco*; *Mateus e Mateusa*; *As relações naturais*; *Hoje sou Um e amanhã Outro*; *Eu sou Vida, eu não sou Morte*; *A separação de dois esposos*; *O marido extremoso ou o pai cuidadoso*; *Um credor da Fazenda Nacional*; *Um assovio*; *Certa Entidade em busca de Outra*; *Lanterna de fogo*; *Um parto*; *Uma pitada de rapé* (incompleta). Como o outro título da *Ensiqlopédia* é *Seis meses de huma enfermidade* seria possível inferir que esse espaço de seis meses enfeixa a composição de toda a sua obra dramática. Seis meses, eis a impressão que o título transmite, não apenas de enfermidade, mas de febre criativa.

A produção dramática qorpo-santense foi divulgada ao grande público sob o olhar de uma época estranha à qual o autor viveu. Produzidas em 1866, suas comédias foram encenadas pela primeira vez no ano de 1966, momento contaminado por anseios de modernização, que encontrou nos expedientes singularmente cômicos de sua obra contornos de uma dramaturgia vanguardista. Embora provavelmente não tenha contado com qualquer encenação no século XIX, Qorpo-Santo produziu um teatro fragmentário com referências a vários gêneros teatrais populares em sua época, como a farsa, a comédia de costumes, o *vaudeville*, etc. Suas personagens são caricaturas de tipos de seu tempo configuradas a partir de elementos comuns à sátira. Apesar de exageradas e absurdas, as situações retratadas pelas peças envolvem o universo doméstico, desencontros amorosos, transações financeiras e tantos outros temas tão caros ao teatro de costumes, por exemplo.

Qorpo-Santo corresponde a um caso curioso de nossa literatura, já que foi menosprezado por seus coetâneos e aclamado no meio teatral do século XX, em um tortuoso processo de recepção que dificulta a recuperação das marcas históricas em sua obra. Nos primeiros estudos sobre a dramaturgia qorpo-santense, os pesquisadores traçaram uma analogia entre sua obra teatral e o teatro do absurdo – Qorpo-Santo seria o

“Ionesco dos pampas”, como o nomeou Guilhermino César. Essa correspondência pautava-se na relação entre determinados elementos encontrados nas comédias do escritor e nos textos teatrais que pertenciam ao movimento estético do século XX, como o uso do *nonsense*, do gestual mecânico das personagens e encenação de situações disparatadas que se desenvolvem sem uma solução aparente.

Os excessos cômicos que se manifestam no teatro qorpo-santense em pantomimas, disparates e representação estilizada da realidade por meio da deformação (seja por meio de personagens caricaturescas ou situações inverossímeis) não são estranhos às farsas, aos espetáculos de magia e tantos outros gêneros populares no século XIX. Provavelmente, nesses gêneros a que o autor teve acesso como espectador e que refletem o ambiente cultural em que se formou como escritor, estejam interlocutores mais oportunos a sua dramaturgia do que as manifestações dramáticas modernas.

A peça escolhida para compor essa edição traz as singularidades temáticas e estruturais próprias do estilo da dramaturgia qorpo-santense. *Dois Irmãos* apresenta-se como “apontamentos para uma comédia” composta por um ato que contém cinco cenas. Pensando em termos estruturais, o quadro retrata um instante da ação, como uma pintura ou fotografia. Nota-se na produção dramática em questão uma subversão dessa categoria, no quadro terceiro, por exemplo, a personagem do mágico Quadrado apresenta seu número artístico em que quebra objetos e depois não os conserta. Ao final, os espectadores se revoltam com a exibição. O quadro construído não flagra apenas um instante, mas expõe a apresentação de Quadrado do começo ao fim. Outro ponto interessante que vale a pena destacar: ao final da peça há um pequeno texto intitulado “Romances e Comédias” em que Qorpo-Santo destaca que os encenadores/diretores que foram “levar à cena qualquer das minhas comédias” estão livres para alterar ou corrigir quaisquer erros que encontrarem. O escritor dá liberdade total aos que encenaram seus textos, deixando-os livres para criarem junto com ele tal produção dramática.

Dois Irmãos é um belo exemplo da produção dramática de Qorpo-Santo, além de ser o único texto que não está completo no banco das peças de Domínio Público. Uma oportunidade única para adentrar nesse curioso universo teatral, repleto de disparates e excentricidade.

Dous irmãos – notas para uma comédia²

Personagens:

António, *bacharel em Direito; advogado.*

José Manuel

Frederico

Pulquéria

Rumânica

Lev'arriba

Roscália, *caixeiro deste.*

Leva-Remos

Quadrado, *amigo daquele.*

Cangueiros

Carroceiro

Mulheres, homens, uma visita e as figuras do 5º Quadro.

ATO PRIMEIRO

Cena Primeira

ANTÓNIO: (*para José*) Conheces Pedro, o Marinho?

JOSÉ: Não; quem é? Onde mora? é cousa que se coma, que se beba, que se vista?! ou que se durma; se passeie; ou se dance!?

(*A cada palavra – coma, beba, etc. – jaz todo sinal com a boca, lábios, etc.*)

ANTÓNIO: Não; não é nada disso; é apenas um irmão de sangue que possuo; (*aperta duas vezes os braços, movendo com os dedos*) possui e havia ainda de possuir, se eu quisesse ir... não! Se ele quisesse vir!

² Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003009.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022. Também foi usado material complementar cedido pela Profa. Maria Clara Gonçalves, uma vez que o texto no site Domínio Público está incompleto.

JOSÉ: Mas... dizes tanto... tantas cousas, que eu não sei o que deva responder! Perguntaste-me se eu conheço Pedro, o Marinho; — e depois... não sei o que te responda! És, fui, sou e seria!

ANTÓNIO: (*à parte*) — A resposta está conforme a pergunta. (*Para José*): Mas diga-me (*aganando-lhe no nariz*) — Conhece ou não conhece? (*dá-lhe outro puxão que sacode-lhe a cabeça*) diz ou não diz!?

JOSÉ: (*dando um pulo para trás*) — Homem dos diabos! deixa-me! Deixa-me! Já me puxaste o nariz! Vai puxar o queixo da tua Avó torta!... (*António puxa-lhe o queixo.*)

ANTÓNIO: (*à parte*) — Estava fazendo um benefício para ele (*apontando*) — aumentando-lhe o nariz; e sua mercê não quis: não quer! pois há de ficar sem nariz! (*Com raiva.*)

MANUEL (*pé ante pé, batendo nas palmas e entrando. Já se sabe — a figura mais esquisita que se pode fantasiar*) — Dá licença, Sr. Dr.? Hem? Hem? dá? Eu quero entrar. Pois já sabe que sou todo seu! que o quero, que o desejo, que o amo! Venha, ah! não; ele não pode vir; eu é que vou! (*Aproxima-se.*)

ANTÓNIO: (*virando-de de repente e com uma mão no ouvido*) — Vozes! quem são? Serão... é... ah! é o meu célebre, senão celebérrimo amigo Rubicundo!

MANUEL: Não; não sou esse! Sou o seu velho, antigo, antiguíssimo amigo (*batendo-lhe nas costas*) Manuel das choradadas! Sou, sou; não ouve?

ANTÓNIO: (*virando-se muito devagar e estendendo-lhe a mão por cima do pescoço*) — Ah! (*arrastando os pés, a cabeça levantada como cego, a boca muito aberta*) Ah! és tu! (*apalpando*) ah! Ainda sou feliz? Ainda achei o meu amigo Manuel? Não me falta nada! De onde vieste? Não viste por lá o meu irmão José? Hem? estava... ora, ora, ora! estava aonde?! (*Pondo-lhe a mão nos peitos.*)

MANUEL: Eu não o conheço; não sei; o Sr. inda tinha esse irmão?

ANTÓNIO: Ó diabo! pois tu não te lembras do meu irmão, com quem brincavas, jogavas, comias e dormias!? Então... ou tu pensas que eu me honro mais que o que sou, por dizer que tenho esse irmão!? (*Puxa-lhe um braço.*)

MANUEL: Não é isso o que eu digo; é que ele parece se ter esquecido de ti! Ah! foi sonho, visão, ou não sei que ilusão — que me fez crer que ele não pensava em ti se não... não: que não escrevia a ti, senão de séculos em séculos!

FREDERICO: (*entrando e descansando o chapéu sobre uma mesa*) — Venho hoje mais cedo que o diabo! Andei, fui a toda parte; estou banhado em lágrimas de suor... ou em suor de

lágrimas — que vem a ser tudo o mesmo! (*Caminhando.*) Tenho procurado, buscado, encontrado, e nada achado! (*Pegando e atirando com o chapéu.*) Isto é o diabo! e mais que o diabo! É o demônio, não é chapéu... Perguntei a este demônio o que havia de fazer (*apontando para o chapéu que se acha no chão*). Disse-me que ser Ministro, que não recebesse nada e que antes desse! que perdesse casa! que perdesse tudo! E eu respondi-lhe que não fosse louco! que para se exercerem cargos públicos não é necessário tudo perder-se! E fui andando em busca do que de direito me pertence! Em certo lugar (*pega o chapéu e põe na cabeça*) perguntei à sobrecasaca (*olhando-se*) ou casaca que também não sei bem o que é, se sabia quantas promessas se me haviam feito impondo-me condições, e a quantas me haviam faltado! (*Com ar gracioso*): Que havia de responder?! que fosse ao Tambicu! Perguntei-lhe: E quem é esse Tambicu?! Ficou em silêncio tão profundo como são as águas dos mares no fundo! Espantei-me: mas também calei-me. A calça, que me viu mudo — que há-de fazer? Belisca-me! Sinto a dor, e com ela ouço a voz: Não quer-me ouvir! Há-de arrepender-se; ouve ou não ouve!? É surdo! Está bem: há-de arrepender-se; deixe estar! Não: é melhor ouvir e atender, se quiser ter. Ó calça! (*puxando esta*) Que vêm fazer a teu discurso as palavras deixe estar?

ANTÓNIO: Sempre andas, rapaz, todo incomodado! Nada te apraz. Nada te satisfaz.

MANUEL: (*para Antônio*) — Ah! Sr. Dr., este menino é seu filho?

ANTÓNIO: Não é meu filho; mas é mais que filho. Amo-o tanto!

FREDERICO: (*para Manuel*) E o Sr. que se importa (*com maneiras mui grosseiras*) que se importa — se eu sou filho, pai ou médico, aqui do meu Avô!? Pertence-lhe a minha vida? o Sr. é casado comigo?

MANUEL: Este teu filho é o diabo!

FREDERICO: (*para o pai*) — Pois meu Pai, eu não hei-de me incomodar quando vejo tanto despropósito; tantas loucuras; tantas parvoíces hoje, amanhã tanta asneira, tanta tolice!?

ANTÓNIO: Rapaz, tu hoje estás diametralmente transtornado! Estou te desconhecendo.

FREDERICO: Bem; V. Sa. é formado em direito pátrio e estrangeiro, canônico e não sei que mais. Diga-me: Um amigo meu alugou para a ocupação de objetos pertencentes à Fazenda nacional uma de suas propriedades; houve preço marcado; houveram ordens para pagar-se; vieram documentos que o comprovaram; entretanto, aparecem todos os dias novos embaraços e há quasi um ano ele não pode haver tais quantias. Ora novas e contrárias informações; depois, questões de preço; mais tarde questões de atestados; amanhã, — de

direito de propriedade; em outro dia – de desconto de dívidas, como se a Tesouraria fosse juiz competente para conhecer estas questões comerciais; ou caixeiro deste ou daquele intitulado credor, – para fazer descontos, aceita embargos ou cousa semelhante; quer seja, quer não, verdade o que alega, visto ser ouvida a parte contrária, ou de quem se diz credor, é macaranga que ninguém se entende! Hoje temos um despacho, amanhã não passou de ilusão! Depois...

ANTÓNIO: Estás com tão grande aranzel, que não sei onde vais parar! Espera, tolo, – e verás que serás feliz. Tu não queres esperar, és um apressado... és um teimoso.

FREDERICO: Pois meu pai não sabe que já certo indivíduo quis instituir-se à força Procurador de outros?

ANTÓNIO: Fala, fala, rapaz.

FREDERICO: Esqueci-me do melhor que lhe queria dizer – e é que... mas... (*abanando com a mão por cima da cabeça*) parecendo-me... Sim. Não há quem não saiba que ele não procura receber quantias pertencentes a pessoa alguma, quer negociantes, quer empregados públicos, que não se envolve em negócios de pessoa alguma, – entretanto, milhares de Procuradores procuram aquelas a que ele tem incontestável direito! e por consequência o fazem para si!

ANTÓNIO: Rapaz, não te aflijas; bem sei que ainda há poucos dias mentiram-te, mas a verdade há-de brilhar, e em tempo, – espera mais três dias.

FREDERICO: Suponha o meu pai que certo indivíduo que tem de passar um documento – morreu, ou viajou, mas que há todas as participações necessárias na repartição competente para pagar e fazer a descarga; pode alguém estorvar ou opor quaisquer obstáculos? Certamente que não. (*Caminhando e ciando com as mãos.*) Pois é o que tem acontecido para com o meu amigo.

ANTÓNIO: Sei, eu sei de tudo isso. É uma linda comédia! É... (*de repente.*) quem o mandou ser Advogado! Quem o mandou ser Médico! Quem o mandou ser filósofo! Para que fez-se político, frade, botânico e não sei que mais?

FREDERICO: (*tomando posição bem séria*) – Respondo – Deus ou uma de suas Partes... não. Deus ou a Natureza! Nos espíritos de todos os entes animados foram... estes eram Eu (ou seus corpos foram em geral por mim animados! Os inanimados parece haverem de mim recebido certa animação!) Assim me fez Deus – ou a Natureza.

ANTÓNIO: Então, foste um tolo!

FREDERICO: Não, meu pai, fui, sou e serei — o que Esse mesmo Deus ou essa mesma Natureza quis, quer e quiser que eu seja.

MANUEL: (*à parte, rindo-se*) — E que tal o Sr. Frederico! Falou agora que ninguém pode com ele! nem o próprio Sr. doutor pai dele pode responder-lhe. Está embatucado! (*Abanando ligeiramente a cabeça para diante, com um chapéu muito alto, mais largo em cima do que embaixo.*) Sim Sinhô; sim... Sinhô; é assim mesmo sim sinhô; tem razão; é como o Sinhô Frederico diz! Agora hão de ver... e eu já vou... (*Mete a mão por entre as calças, colete, casaca, e não acha o que procura; fica muito sentido.*) Perdi, perdi tudo! tudo! (*E põe-se a chorar como uma criança.*)

QUADRO SEGUNDO

Cena Primeira

LEVA-REMOS: (*entrando em uma sala com aparência ou semelhança de loja; para o caixeiro*) — O Sr. tem roupa feita?

ROSCÁLIA (*caixeiro*) — Sim, Sr. (*Sobe uma escada e apresenta no balcão algumas caixas, abrindo-as.*) Eis aqui da melhor que há.

LEVA-REMOS: (*tirando, vestindo, despindo, mirando-se num espelho; para o caixeiro*) — Uma está larga, outra comprida, esta curta, aquela apertada... finalmente: — Qual é o menor preço por que vende cada uma?

ROSCÁLIA: O Sr. é bem falto de conhecimento. É bem impertinente! Pois não vê que esta calça (*pegando-a*) lhe está boa?! Que melhor quer? O colete, não há alfaiate que lhe possa fazer igual. Agora que mais quer? Leve este casaco (*pegando em uma peça da obra, que não era casaco, mas camisa*) isto está-lhe bom! Muito bom! Ande, e não paga nada!

LEVA-REMOS: (*à parte*) — Que generosidade de amigo. Amanhã (*apontando com o dedo polegar*) mandar-me-á a conta a casa; e se eu não lha pagar, no dia seguinte o meirinho! Pensa que ainda não o conheço! Para cá vem bem, de carro: sege ou carrinho!

ROSCÁLIA: Então não quer? Não servem?

LEVA-REMOS: Está tudo muito bom! Vou mudar. (*Despe-se e muda.*) Pronto! fica essa que já está algum tanto enxovalhada, e eu vou com esta (*voltando-se todo*). O meu chapéu (*procura e não acha*)! Hei-de ir agora sem... com a calva (*muito desconsolado*) à mostra!?

(passeando e virando-se para o caixeiro, de repente): O Sr. não tem chapéus?

ROSCÁLIA: Tenho; tenho. Já o sirvo; é num pulo. *(Salta à escada e atira com três ou quatro caixas embaixo.)* Eis aqui um; este há-de servir-lhe. *(Tudo muito apressadamente.)* Olhe, pegue, veja; é dos mais finos que se fabricam em Antuérpia, que são os de mais fama. *(O indivíduo pega num para experimentar e o caixeiro dá um salto e encaixa-lhe na cabeça.)*

LEVA-REMOS: Com efeito, este é grande demais *(atira-o na prateleira)*. Vejamos outro. *(Pega em outro.)* Oh! este talvez me sirva.

ROSCÁLIA: *(tirando-o quando ele ia pôr na cabeça e atirando-o para dentro)* – Não vê que este é muito grande!? Pegue este outro. *(Agarra a caixa de um outro e quer ver se lhe serve, pondo-lho na cabeça.)*

LEVA-REMOS: *(pegando o chapéu e atirando-o à cara de Roscália)* – Fique com ele, seu brejeiro!

ROSCÁLIA: Ah! não me quer; pois há-de despir a roupa que lhe dei, ou há-de ir nu, ou há-de ir de roupa velha! Que marreco! queria ir de roupa nova visitar... oh! *(Bate com a mão na cabeça.)* Era... *(muito admirado)* uma, mais uma, depois de tantas experiências, que ia fazer: vestir roupa nova para beijar mulher nova. Muito bem! muito bem, Sr. Doutor! muito bem! muito bem!

LEVA-REMOS: Nunca pensei que o Sr. fosse tão ordinário *(tira ligeiramente a calça, veste a com que andava e atira na cara a que tirou, faz o mesmo ao colete, veste o seu e dá-lhe com ele no nariz.)* Come-o, bandalho! *(Tira a sobrecasaca ou paletó e soca-o na boca do caixeiro e esfrega-lh'o nos ouvidos, nos olhos, dizendo:)* Ouve! Morde! Cheira!

(Roscália conserva-se humilde, espantado, sofre calado e resignado. Leva-Remos sai.)

ROSCÁLIA: *(só e com as obras na mão)* – Meu Deus! onde tinha eu esta cabeça! Onde estava o meu pouco juízo – quando maltratei este homem!

ROSCÁLIA: *(só e com as obras na mão)* Meu Deus! onde tinha eu esta cabeça! Onde estava o meu pouco juízo – quando maltratei este homem! Eu não o conheci. *(Batendo nas faces.)* Perdoai-me, meu Deus! perdoai-me! Ele me havia tratado sempre tão bem e eu fui tão cruel para com ele! Como eu sinto o efeito dos benefícios esparzidos por este Homem-Deus! Que alma grande! Como agora vejo que ele se espalha como o vento por toda a parte: como ele faz-se ouvir na Europa, na Ásia, na África e na Oceania! Já não falo na América, que tão perto fica... que é onde vivemos! mas nas mais longínquas partes dos dois hemisférios. Que Grandeza de Homem! É Onipotente *(cai de joelhos, com as mãos*

postas). A ele imploro — perdão (*batendo nos peitos*) de minhas culpas; de meus pecados! A ele imploro que por mim interceda... se algum outro tem de punir-me, ou julgar-me! (*Cai de bruços, gritando:*) Ai!

LEV'ARRIBA (*dono da loja, para o caixeiro*) Que é isto, rapaz, homem, criança? (*À parte*): Estará morto este diabo? (*Bate-lhe com um pé.*) Ó moleque! judeu! (*À parte:*) Não fala! Isto está morto mesmo! É um monte de carne de boi que está aqui estendido. Ainda terei o trabalho de mandar pôr este maluco no cemitério!? Não! vou mandá-lo pôr na praia! (*Chega a uma porta e chama cangueiros*) Ó rapazes! rapazes, venham cá.

CANGUEIROS: Prontos, Senhor!

LEV'ARRIBA: Vocês são capazes de botar na praia este boi morto?

CANGUEIROS: Não Sr.! Deus nos livre!... ele é gente?

LEV'ARRIBA: Qual gente?! Isto é um monte; é um monturo que está aqui (*dá-lhe pontapés e ele não se mexe*), vocês estão vendo? Está morto. Levem-o, levem-o. É pago bem o seu trabalho.

CANGUEIROS: (*saindo*) Não Sr.! não Sr.! Nós não podemos não!

LEV'ARRIBA: Ora, senhor (*ansiado*). Como me hei-de eu ver livre deste diabo!? Por mais que pense, que cogite, não sei... Ah! (*ouve-se o barulho de uma carroça*) vou chamar: Ó carroceiro, vem cá!

CARROCEIRO: Não posso; estou com pressa.

LEV'ARRIBA: (*virando-se para dentro, muito zangado*) Não sei que hei-de fazer deste... ah! já sei! (*agarra-o por uma perna e puxando-o*). Pesa como todos os diabos! Mas há-de ir. Há-de sair. E fede. Morreu há uma hora, e já se o não pode aturar. Pois isto comia mais do que um boi roceiro. Amanhecia comendo, levantava-se comendo, trabalhava comendo, deitava-se comendo, dormia comendo! (*Torna a puxar e arrasta um bocadinho.*) Ah! ele sempre vai saindo, e há-de sair, quer queira, quer não, há-de ir.

LEVA-REMOS: (*chegando*) Oh! que vejo! Roscália morto! Estou estupefato!

LEV'ARRIBA: Pega desse lado, que eu pego deste. (*O caixeiro quer levantar-se, mas não pode.*) Agora quer levantar-se, que não, hei-de pô-lo na rua! (*O caixeiro grita que lhe acudam.*) Nada! nada! Há-de ir quer queira, quer não! (*Sempre com o amigo, fazendo o maior esforço para pô-lo fora da porta.*)

LEVA-REMOS: Pesa mais que trezentas arroubas! Tenho visto pegar em pipas incomparavelmente mais levianas.

LEV´ARRIBA: Coragem! esforço; e ele há-de sair

ROSCÁLIA: (*gritando*) Ai! quem me acode? Quem me acode?

LEVA-REMOS: Não lhe valem agora os gritos! Há-de ir, há-de ir (*tanto puxam e arrastam que chegam a pô-lo fora*).

LEV´ARRIBA: Graças a Deus! estamos livres deste diabão! (*Cheira as mãos.*) Fum!... como fede! Que porco! Ainda sujou-me nas mãos antes de sair! Safa — com tal porcalhão! Custou-nos (*para o amigo*); mas vencemos!

QUADRO TERCEIRO

(*Uma sala, algumas mulheres e alguns homens.*)

Cena Primeira

UMA DELAS: Tenho o prazer de apresentar-lhes o Sr. Quadrado, há pouco vindo da Europa... dos Estados Unidos, onde aprendeu a arte de tudo quebrar e nada endireitar! Quer fazer aqui algumas experiências. Quer divertir-nos por alguns minutos: será um pequeno espetáculo em uma das mais admiráveis artes.

QUADRADO: Pouco, minhas Sras., sei fazer; pouco estudei (*arregaçando as mangas*): ainda assim farei o que puder, e do melhor modo possível, para entretê-las. (*Dirigindo-se a um dos circunstantes.*) Faz-me o obséquio do seu relógio?

UM DOS CIRCUNSTANTES: (*tirando-lhe da algibeira*) Pois não! Ei-lo! (*Apresenta-o.*)

QUADRADO: (*tirando um martelinho da algibeira, bate no relógio e quebra-o, dizendo*) — Nunca fiz uma operação tão bem feita! (*Põe os cacos em cima de uma mesa. Dirige-se a uma Sra. e pede-lhe o leque com que se abanava. Seus pedidos são feitos com a maior urbanidade; tira do bolso outro instrumento e com ele põe o leque em um bolso, dizendo*): Pode-se com este jogar a carambola! (*Pede a outra um lenço; com uma tesourinha pica-o e põe em cima de outra mesa, dizendo*): Está ótimo o guisado! (*bem como o leque em cima de outra. Pega em uma manga de vidro, quebra e atira com os pedaços para cima da outra. Reina no salão o mais profundo silêncio. Apenas de vez em quando se ouve alguma voz de Sra.*):

Se ele não conserta, estamos bem servidas, principalmente a dona da casa, que fez-nos a honra de apresentá-lo.

Se não consertar — a desonra! Se deixar tudo quebrado, embrulhado, picado...

QUADRADO: Quebrei (*passeando*) relógios! Estraguei um leque; piquei um lenço; quebrei; pus em estilhaços uma manga de vidro!... e como agora há-de ser!? Nada (*em voz baixa*) posso consertar, porque nada aprendi. E agora, com que cara fico!? O que hei-de fazer! Enlouqueço... não!... pedir desculpas... não devo! Compor... não posso. Que hei-de eu fazer!? (*Divisam-se sorrisos em todos os semblantes.*) Já sei! (*com desdém*) tornar-me-ei estúrdio...

UNS PARA OUTROS: Querem ver que o Quadrado ainda é aquele gaiato! aquele brejeiro! aquele extravagante de outros tempos!?

OUTROS: Ele não faz senão passear... Parece que está a bordo de algum navio... Estamos perdidos!

OUTROS: Babou-nos!

UMA MULHER: O dono do relógio é que se há-de de ver em apuros!

OUTRA: Qual apuros. Ele que quebrou, é porque tem capacidade para compor. Esperem... está estudando a matéria; logo mais há-de pô-la em discussão!

A DONA DO LENÇO: (*para uma amiga*) — Minha amiga, estou sem lenço! e que caro me custou! É do preço de 50\$ rs., comprado na loja do Leite.

AMIGA: Isso não é nada! E o meu leque esmaltado das mais finas pérolas, com botões de ouro e algumas estrelinhas de brilhantes! Isso é que é. Sabes quanto me custou? Se estou bem lembrada, é do preço... não direi, mas calcula pela qualidade o que devia valer!

A DONA DA CASA: Pois eu não faço caso das mangas que ele quebrou, conquanto também fossem de algum valor. Além disso estão muito apurados! (*Espiam, olham, riem-se.*) Se ele não endireitar **tudo...** nem eu! fiquem bem certas disso!

UMA DELAS: Isso sabemos nós; pela minha parte, perdô-Ihe de bom grado qualquer prejuízo que me haja dado.

OUTRA: E eu faço o mesmo.

O DONO DO RELÓGIO: (*muito desconsolado*) E eu que hei-de fazer, senão também perdoar-Ihe qualquer prejuízo que me dê? Agora está quebrado... que Ihe hei-de fazer? Aproveitarei as peças e mandarei para o Rio compô-lo. Aqui os relojoeiros só têm o título de tais; mas em verdade, não passam de atamancadores; se (*mexendo-se na cadeira*) não se puder endireitar, também a perda é pequena; custou-me... receber das mãos do amigo, que me fez o obséquio de presentear-m'o! A corrente é que foi um pouco mais cara...

entretanto, seja o que for; aconteça o que acontecer; calados devemos sofrer.

UMA VOZ: E ele não conserta cousa alguma: vocês hão de ver!

QUADRADO: (*muito triste e pensativo*) Que esperam os Srs. e as Sras!? Pode cada qual retirar-se para sua casa.

(*Há gargalhados gerais.*)

UMAS VOZES: Eu não dizia?

OUTRAS: É bem feito! Não o conheciam?

ALGUMAS: Pensávamos que ele já tivesse juízo! Pregou-nos a maior peça que se pode imaginar!

ALGUMAS OUTRAS: Não era de esperar outra cousa. O diabo do homem ainda não mudou!

OUTRAS: Vejam, vejam.

QUADRADO: Qual mudou nem mudou. Não sabem que os vidros quebrados, só com a máquina e fogo se consertam? que a fazenda cortada, com agulha e linho se emenda!? que eu não tenho máquina, nem fogo, agulha, nem linho? que não sou relojoeiro? Hem? Hem?

A DONA DO LEQUE: E o meu leque (*muito sentimentalmente*), Sr. Quadrado, hem? hem? (*Aproximando-se dele.*) Não diz nada? Não fala?! Deixa estar (*muito triste*) que o Sr. há-de pagar. Nunca mais hei-de olhar para a sua cara!

QUADRADO: Pois que querem que eu faça, meninas?! (*Põe-se a chorar e a pedir outro lenço para enxugar as lágrimas.*) Que hei-de eu fazer para não ser odiado deste anjinho?

UMA DELAS: Sim; pois ainda quer outro!? É bem tolo.

QUADRADO: Meu Deus dos céus! estou perdido! (*pondo as mãos na cabeça*) perdido! perdidíssimo. Minha querida! minha queridinha! me ame! me minta ao menos para consolar-me! Diga que me perdoa, sim! sim — seja religiosa — por obra de misericórdia... sim, minha queridinha (*aproximando dela*), a Sra é tão bonitinha... (*pondo-lhe a mão no rosto*) perdoa-me, sim? perdoa-me, diga-me — que sim; senão eu morro de paixão. Ai! (*curvando-se*) que dor de cabeça eu sinto! Me acudam! (*Com uma mão na cabeça e outra no peito, corre pela casa toda, gritando*): me acudam, senão eu morro! Me acudam!

(*Todas levantam-se, querem agarrá-lo, não podem.*)

UMA PREJUDICADA: (*para as outras*) Ele está doido! Qual doente, está fazendo estas partes para inspirar compaixão... Vamos dar-lhe algum remédio! Vamos! Vamos!

OUTRA: Mas ele não deixa pessoa alguma chegar perto dele! E que se lhe há-de fazer!?

ALGUMAS: O que lhe faz bem, Sr. Quadrado, quando o Sr. está atacado deste mal, a que estas Sras. chamam padecimento ou sofrimento em suas faculdades mentais!?

QUADRADO: Uma ajuda com pimenta! Uma ajuda com pimenta, sal ou pimentão. Um crister ou cristel em seringa ou cheringa de repuxos de pimenta! de pimenta! sim! sim!
(*Até que cai.*)

(*Todos o cercam, buscam remédios, fazem-lhe fricções, lamentam seus sofrimentos, etc.*)

UM DOS CIRCUNSTANTES (*para a plateia*) Aproveitamos a lição para não confiarmos-nos – de quem não conhecemos, nem cremos em impossíveis!

QUADRO QUARTO

Cena Primeira

(*Entram quatro Sras., um homem as recebe muito carinhosamente e as faz sentar.*)

UMA DELAS: Mora, meu Sr., nesta casa, o Sr...

O HOMEM: Fernandinho de Noronha; não, minha Sra.?

ELA: Creio que sim; casado com a Exma. Sra. D. Pulquéria de...

O HOMEM: Sim, minha Sra.; V. Sa. não se engana; é aqui mesmo. Deseja falar-lhe?

ELA: Sim Sr.; é minha amiga de infância, a quem muito amo e estimo.

O HOMEM: Vossa... é a Sra. D. Rumânica?

ELA: A mais humilde de suas criadas!

O HOMEM: Queira demorar-se alguns instantes; entreter-se com o que há em cima desta mesa, se lhe aprouver, enquanto eu vou chamá-la.

(*O cenário deve ter sala em que fica D. Rumânica e quarto em que está D. Pulquéria.*)

O HOMEM: (*entra no quarto e encontra a mulher deitada; para esta:*) Pulquéria! (*pondo-lhe a mão na cabeça, no ombro, corpo, etc.*) Pulquéria! estás dormindo? não ouves? Levanta-te! Está aí uma visita que te quer falar! é D. Rumânica – a tua amiga de infância. Anda!

(*Pulquéria não fala.*)

O HOMEM: (*marido*) Ah! tu não ouves! não respondes! estás dormindo! Pois bem, vou

pregar-te uma peça que te há-de escarmentar (*À parte.*) Vou pôr-me a gritar, e ela há-de se levantar.

MARIDO: (*com as mãos na cabeça*) Pulquéria! Pulquéria! roubaram a nossa querida filha! Levanta-te! corre! procura-a! (*A mulher salta em fraldas de camisa, cheia de espanto, procurando com a vista por todos os lados do quarto.*)

PULQUÉRIA: O que é que dizes, marido?! Onde está ela?... Foi quem?... Alguém levou? Entrou neste quarto!? Meu Deus, a minha filha... A minha querida filha! Que crueldade, que horror!... Céus! Terra! Tudo morrerá se ela não aparecer (*com transporte*). Eu fujo, fujo destes aposentos..., busco-a... mas aonde irei encontrá-la? (*Corre direto à porta da sala e nela entra em fraldas de camisa.*)

O HOMEM: Eu não disse que lhe havia de produzir bom efeito e que eu ia pôr em prática? Vejam que ela saltou e se apresenta em fraldas. (*Ao mesmo tempo, Rumânica a abraça e derrama lágrimas por vê-la naquele estado.*)

RUMÂNICA: Minha querida amiga do coração (*beijando-a*), que lhe sucedeu!? Que é isso? Que vejo!? A minha amiga como alucinada! Meu deus! Que sofreu ela! Que males pesariam sobre sua família?

PULQUÉRIA: Foi... foi... (*desprendendo-se da amiga.*) Minha querida, o desaparecimento daquela que eu mais prezava sobre Terra! Do mimo feito pelo Criador! Da minha adorada... Ó Deus! Deus meu! Será que eu não a encontre!? Procurarei, sairei. Irei até à porta (*querendo sair*).

RUMÂNICA: (*agarrando-a*) Minha amiga, minha querida amiga! Não vê que seus trajes não são decentes para sair à rua? Aonde vai?

PULQUÉRIA: (*olhando-se e dando uma gargalhada*) Agora é que reparo! Estava nua e queria assim sair à rua. Veja, minha estimada amiga, o que é capaz de conduzir-nos o amor de mãe! Perdoe-me, minha amiga, o ter-lhe aparecido em trajes indecentes! Vou retirar-me e voltarei. (*com ar cortês e voltada para a amiga, entra no quarto em que encontra o marido deitado e a filha do lado. Ao vê-los, dá o seguinte grito de alegria, pondo as mãos.*) Oh! Achei-a! E deitada com ele! (*outra gargalhada.*) É pior, é mais brejeiro que o célebre... por seus extravagantes. Que homem! Que homem mau! (*pegando a filha, abraça-a, beija-a.*) Minha querida filha, quanto te amo, quanto! Ah! Se eu te perdesse, que dor acerba sentiria! Que sentimento profundo o meu coração ralaria! Sim... não! Deus jamais permitirá que eu te perca. És minha... Será sempre minha, criar-te-ei, farei tudo por ti! Sim! (*beija-a; para ele:*) Meu amigo,

nunca mais me façás padecer assim! Eu não poderia viver! (*pega os vestidos e veste-se.*)

O HOMEM: (*levanta-se e rindo*) Preguei-te uma boa peça! Isto é para tu não mangares comigo. É para me ouvires... quando eu te chamar.

PULQUÉRIA: (*olhando para ele com tristeza*) Ingrato! Mau! (*enquanto isto se passa, ouve-se na sala imediata:*)

RUMÂNICA: Muito padece quem tem amigas. (*enxuga uma lágrima.*)

UMA FILHA DESTA: É verdade, minha mãe. Se eu pudesse esquecer-me das que tenho, talvez fosse mais feliz.

OUTRA FILHA: (*sorrindo-se*) Bem longe estava de presenciar hoje aqui, nesta casa, quadro tão interessante e ao mesmo tempo tão triste.

PULQUÉRIA: (*entrando vestida na sala*) Estou agora mais alegre; sou outra. Depois do susto, do temor, da dor moral e do padecimento físico, que aprouve (*sic*) de Deus, ou ao meu marido fazer-me experimentar, recobrei a tranquilidade e o desejo da vida!

RUMÂNICA: Estimamos muito. Nós agora pouco nos demoramos; tivemos o desgosto de a ver no mias deplorável estado que se pode imaginar; mas agora se acha restabelecida, e é quanto basta para que voltemos banhadas de alegria, como há pouco estivemos transpassadas de tristeza. (*levantam-se para sair.*)

PULQUÉRIA: Pois já!?

RUMÂNICA: Já, minha cara amiga, vão sendo horas... (*entra o marido com a filhinha nos braços.*)

O MARIDO: Eis (*mostrando-a*) a mola que faz girar, rodar, andar, mexer e revolver a cabeça da minha muito estimada e querida Pulquéria. (*todos se riem.*)

PULQUÉRIA: (*avançando-se para tirá-la dos braços do marido*) Que admiração, minhas amigas? (*ele afasta-se para a não dar, ela teimando, instalando.*) O senhor é homem, e os homens não devem andar com crianças nos braços. (*tira-a. Para as amigas:*) Que admiração serem as nossas filhas as principais causas da maior parte das nossas ações. Nós as concebemos, nós as temos, nós a criamos, nós as amamentamos (*abraçando e beijando*), nós as amamos, e tanto... que seria impossível não fazermos por elas mesmo os maiores sacrifícios. É uma dívida, minhas queridas amigas, que pegamos a nossos progenitores ou à natureza, dívida de dever, de honra, de gratidão e de amor. Nossos filhos pagarão a nossos netos... e assim será sempre o mundo em que habitamos.

ELAS: É verdade; nós o reconhecemos, e por isso mesmo a louvamos!

O MARIDO: Então eu não tenho também amor, amizade e todos esses elogios que vocês se estão fazendo!? Falam só das mulheres, das mães...

UMA DELAS: Os homens são para trabalhar e para dar às mulheres o que elas necessitam, nós para prestarmos-lhes serviços que lhes não são próprios. (*despedem-se com as mais afáveis expressões, dizendo:*) Rogamos a Deus e ao senhor meu marido para que não continue (*batendo-lhe no braço*), minha cara amiga, a sofrer tão grande e penosos transtornos e desgostos!

PULQUÉRIA: Não é nada, minhas amigas; a mulher chora enquanto a dor a oprime; passada ela, ri-se e palra como se nada, se nenhum mal houvera sofrido. É esta a constituição, a índole e o caráter ou destino em geral de nós, mulheres.

RUMÂNICA: (*em tom sentencioso*) Tristes de nós se assim não fora! Muito mal teríamos de passar. (*retirando-se.*)

QUADRO QUINTO

(*Um amigo pedindo a outro um aposento – Mateus e Gregório.*)

MATEUS: Amigo (*entrando*), aconteceu-me há pouco o fato mais desagradável para mim que sofro em minha vida: vejo-me pela primeira vez, e quando só deveria ter razões para em tudo abundar, corrido da necessidade, vezado e levado por isso a pedir-lhe um quarto se o houver desocupado em sua habitação.

GREGÓRIO: Amigo (*com muita civilidade e força*), sinto profundamente estar com a casa toda ocupada e não há, pois, infelizmente, nenhum em que o passa acomodar. Mas o senhor não estava tão bem onde tem morado!?

MATEUS: Estava; mas agora não estou.

GREGÓRIO: Conte-me, então, o que houve.

MATEUS: Ora o que havia de haver; ocorrências tão desagradáveis, que me enjoa referi-las.

GREGÓRIO: Mas que de desagradável se deu para o fez assim desgostar?

MATEUS: Seria longa a história, amigo, mas direi: sempre tenho morado em casa de certo indivíduo, depois dos vexames que passei em hotéis por falta de dinheiro, conquanto muito fizesse em utilidade aos mesmos pela minha ciência e reputação, que me tratava

como o mais íntimo de seu peito; falou-me por vezes em sociedades, fez-me milhares de oferecimentos, manifestou milhares de franquezas, em virtude do que o institui meu procurador e, ultimamente, sem a menor razão plausível, despropositou comigo! A dureza, pois, de suas palavras, a grosseria de suas maneiras, a rudeza de suas expressões fazem com que eu me veja hoje nestas circunstâncias. (*despedindo-se.*) Visto que aqui não há vagas, vou procurar para alugar alguma choupana, ainda que vivamos em uma não pequena cidade.

(*Entra um irmão de Gregório.*)

GREGÓRIO: Não sabes, José, quem há pouco saiu daqui e que muito me penalizou pelos fatos que me referiu?

JOSÉ: Quem? Vi sair há pouco daqui um desconhecido! Pareceu-me certo amigo, mas quem era?

GREGÓRIO: Enganas-te. É um dos nossos maiores amigos, principalmente teu. Homem sincero, de uma honestidade exemplar e de uma capacidade para as ciências como jamais se há visto sobre a terra!

JOSÉ: (*aflito*) Mas quem é? Quem é ele?

GREGÓRIO: É aquele grande amigo, aquele forte baluarte, aquele colosso, aquele caráter firme, inabalável, sem manha, aquele grande Garibaldi, grande Napoleão, grande César, grande Voltaire, que te acompanhou nas lides políticas em princípios da tua carreira e da dele. Lembra-te?

JOSÉ: Ah! Que dizes? É ele que saiu daqui? Vou procura-lo.

GREGÓRIO: Não (*contendo-o*); não convém procura-lo. Ele veio a esta casa pedir aquilo que não precisa e por isso o neguei a ele; veio pedir um cômodo por alguns dias.

JOSÉ: É crível! O meu antigo, sincero, dedicado e fiel amigo, e tu lhe negaste.

GREGÓRIO: Sim; neguei-lhe porque entendi que ele não necessitava!

JOSÉ: Ainda que não necessitasse, fizeste mal! Teríamos, gozaríamos ao menos a sua companhia pelo tempo que lhe aprouvesse! Vou buscar ele. (*quer sair, o irmão o detém.*)

GREGÓRIO: Olha, vem cá. Tu não o acharias e, se o encontrasses, é de supor que já estivesse acomodado em alguma parte, visto que em qualquer casa que pedisse um cômodo acharia dois.

JOSÉ: Fazes-me tranquilizar um pouco com tuas últimas palavras. É de crer que assim seja. Sua ilibada reputação a tudo lhe dá direito. Ainda assim, enquanto eu não tiver notícia de que passa e vive satisfeito e com prazer, não posso gozar da tranquilidade que preciso e apeteço.

RIVADÁLIA: (*entrando*) – Senhores, meu amo acaba de alugar casa na Rua dos Andradas e de contratar-me para seu serviço. É porque ainda tem em lembrança as relações de dez ou mais anos de amizade com as pessoas desta casa e do parentesco espiritual com alguns, senão todas, que me ordenou que lhe viesse oferecer e franquear sua habitação. É a de nº A ou B se bem me lembro.

GREGÓRIO: (*para o outro*) E que te parece isto? Então, está bonito!?

JOSÉ: Que bofetada bem dada! Eu não te dizia que queria ir procurá-lo? E agora, que lhe havemos de responder!? Responde tu!

GREGÓRIO: Que resposta lhe hei de eu dar? Neguei-lhe a insignificância que ele me pedia! Não, tu é que hás de responder, desculpa-te que não estavas em casa.

JOSÉ: Isto não tem desculpa. Façamo-nos de ignorantes.

RIVADÁLIA: Senhores, eu me retiro. Queiram dar-me as suas ordens!

JOSÉ: Diz a teu amo que eu breve lá irei fazer-lhe uma visita.

RIVADÁLIA: Far-lhe-ei presente quanto me diz. (*retira-se*).

GREGÓRIO: (*passeando e de vez em quando olhando para José*) Que te pareces, irmão? Sabes como estou? (*com ares de trespairamento*.) Estou perdido e arruinado!

JOSÉ: (*cuidadoso*) Que tendes, Gregório? Tu não estás bem! Tuas faces exprimem...

GREGÓRIO: Não! Eu... tenho pensado na minha ingratidão para com o nosso antigo sincero amigo! Tenho sentido..., parece-me ter até perdido os miolos.

JOSÉ: (*ainda com mais cuidado e segurando o irmão*) Irmão! Amigo! Não te deixes abater. Não é coisa alguma! Não penses mais nisso. Eu hei de ir visita-lo e desculpar-te-ei.

GREGÓRIO: Sinto uma dor no coração (*pondo a mão, retorcendo-se*). Ai! Ai!

JOSÉ: (*voltando o rosto para dentro*) Frederico! Pedro! Manuel! Antônio! Josefa! Carolina! (*segurando com as duas mãos o irmão*.) É possível que não haja nenhuma só pessoa nesta casa que corra e vá chamar o doutor Corpo-Santo!?

(*Ouve-se grande barulho dentro; entram de repente homens, mulheres, crianças, gritando:*)

UNS: Papai! Papai!

OUTROS: O meu filho! O meu amigo!

MULHERES: O meu esposo... Onde!? Onde está?!

JOSÉ: (sentando-se, descansando o corpo de Gregório sobre suas coxas e segurando junto ao peito deste) - Ainda é feliz! Ter desmaiado sobre os braços de seu mais extremoso irmão e íntimo amigo!...

FIM

Porto Alegre, 24 de fevereiro de 1866.

As pessoas que comprarem e quiserem levar à cena qualquer das minhas comédias podem bem como fazer quaisquer ligeiras alterações, corrigir alguns erros e algumas faltas, quer de composição, quer de impressão, que a mim por numerosos estorvos foi impossível.

Porto Alegre, 17 de julho de 1877.

O autor

José Joaquim de Qamos Leão Qorpo-Santo

Submetido em: 25 nov. 2022

Aprovado em: 22 dez. 2022